

# BIDEN E O SAHARA OCIDENTAL: TALVEZ SIM, TALVEZ NÃO, LOGO SE VÊ ...

**O comportamento na arena internacional do ex-Presidente Donald Trump e da sua administração veio criar enormes expectativas sobre as orientações e o desempenho do novo Presidente Joe Biden.**

Um dos eixos dessa expectativa é a política norte-americana para o Médio Oriente e o Norte de África, onde se inclui a questão do Sahara Ocidental. Nos últimos dias do seu mandato (mais exactamente em 10 de Dezembro) Trump rompeu com a anterior política e reconheceu formalmente a anexação do território por Marrocos. Como escreveu João Henriques, investigador na Universidade Autónoma de Lisboa, em artigo publicado no jornal *i*, esta decisão tornou a «Administração Biden refém de uma decisão para a qual nada contribuiu» sendo agora «complicado [o] exercício de tentar reverter a decisão do seu antecessor; algo que aconteceria pela primeira vez na história da política externa norte-americana».

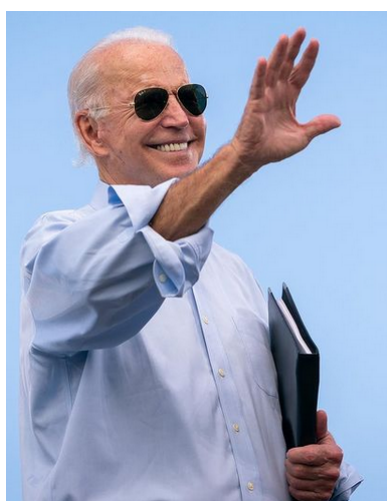


Fig. 1: Adeus ao Sahara Ocidental?

Nos princípios de Janeiro o então ainda Secretário de Estado Mike Pompeo **justificou** na sua conta de *twitter* o porquê desta decisão: «Durante décadas, as administrações dos EUA não conseguiram resolver o conflito entre Marrocos e o Sahara Ocidental, porque não queriam correr riscos. Fizemos isso pelo bem da paz.» Na ocasião divulgou igualmente os projectos futuros da administração que integrava: «Tenho o orgulho de anunciar o início do processo de criação de um consulado dos EUA no Sahara Ocidental.» Segundo o Departamento de Estado, o posto - de presença virtual - seria gerido pela Embaixada em Rabat e seria seguido «em breve pelo estabelecimento de um consulado em pleno funcionamento». E o embaixador em Rabat, David Fischer, anunciou numa nota publicada no sítio oficial da Embaixada: «Tenho a honra de anunciar a inauguração de um consulado virtual no Sahara Ocidental». Dias depois, o Subsecretário de Estado com a responsabilidade do Médio Oriente e o Norte de África no Departamento de Estado, David Schenker, visitou El Aaiún, a capital do Sahara Ocidental, para reunir com o chefe da MINURSO, tendo-se encontrado a seguir com o MNE marroquino, Nasser Bourita, e seguido posteriormente para a Argélia.

Foi a última “flor” de Schenker neste processo. Biden substituiu-o por Brett McGurk, que tinha ocupado o cargo de representante dos EUA na Coligação Internacional contra o ISIS antes de se demitir em finais de 2018 por discordâncias com a política seguida por Trump para o Médio Oriente. O que **alguns observadores** consideraram um sinal promissor para a eventual disponibilidade da nova

administração para inflectir a política anteriormente seguida.

Também o embaixador David Fischer, que andava precisamente à procura de casa em El Ayún para abrir o novo consulado, foi substituído. Quem o comunicou a 15 de Janeiro foi o Primeiro-ministro marroquino, Saad Eddin El Othmani, na sua página no *facebook*. Recorde-se que Fischer foi nomeado para o cargo em 16 de Janeiro de 2020. Não se lhe conheciam aptidões especiais para a função já que, até então, era empresário e CEO da *Suburban Collection Holdings*, um conglomerado privado que reúne as maiores concessionárias de automóveis, acessórios e peças de automóveis dos Estados Unidos, bem como logística e gestão de frotas na América do Norte.

A culminar estas cumplicidades políticas, o rei de Marrocos, Mohammed VI, concedeu a Donald Trump a Ordem de Muhammad, a mais alta condecoração de Marrocos apenas outorgada a Chefes de Estado, «pelo seu trabalho na promoção de um acordo de normalização entre Israel e Marrocos». E Trump, orgulhoso, correspondeu, **condecorando** o monarca com a “*Legion of Merit*”.

Embora Joe Biden tenha tomado logo no primeiro dia da sua presidência um conjunto de medidas que corrigem algumas das decisões mais controversas de Trump, não é claro, face aos problemas que enfrenta numa sociedade profundamente polarizada, qual irá ser a sua política no processo de descolonização do Sahara Ocidental, sabendo-se que o conflito israelo-palestiniano foi adicionado à questão.

Uma das primeiras vozes a manifestar-se e a incentivar esta mudança foi John Bolton, ex-conselheiro de Segurança Nacional, que numa entrevista à *Foreign Press Association* pediu à nova administração para reverter a proclamação de Trump sobre o Sahara Ocidental. Bolton, um político republicano conservador, foi conselheiro de James Baker quando este era o Enviado Pessoal do Secretário-geral da ONU para a questão (1997-2004). «O abandono pela administração Trump dos compromissos relativos à questão do Sahara Ocidental é um motivo para que a administração Biden corrija o referido erro», disse, acrescentando que os EUA «não deveriam ter um consulado nas partes ocupadas do Sahara Ocidental».

Outro sinal enviado pela administração Biden veio da **audição** no Senado de Lloyd Austin, indigitado para novo Secretário da Defesa. Questionado por James Inhofe, Presidente do seu Comité de Segurança e Defesa, sobre a posição da nova administração relativamente à questão do Sahara Ocidental, Austin disse que o processo era uma das suas prioridades após assumir o cargo.

Já o Secretário de Estado Antony Blinken emitiu sinais um pouco diferentes, antes e depois de ser oficialmente nomeado. Na audiência perante o Senado **disse** que alguns dos incentivos oferecidos aos Estados árabes para melhorarem as suas relações com Israel incluíam benefícios que desafiavam as normas internacionais, como reconhecer a soberania de Marrocos sobre o Sahara Ocidental. No entanto, dias depois (26 de Janeiro), na sua primeira conferência de imprensa enquanto Secretário de Estado, não respondeu a uma pergunta, feita duas vezes, sobre esta questão, por parte do jornalista da *Agence France Presse*, Shaun Tanden, chefe da Associação de Correspondentes junto do Departamento de Estado.

Mas não é só internamente que a evolução da política externa norte-americana relativamente ao Sahara Ocidental – e a África em geral - é acompanhada com grande atenção (e preocupação). Um exemplo deste interesse foi dado por Naledi Pandor, Ministra dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, ao **participar** numa vídeo-conferência organizada pela *Chatham House*, onde considerou que Joe Biden deve inverter a posição do seu país sobre o Sahara Ocidental pois isso seria considerado um passo em direcção a África. Identificou ainda esta iniciativa «como a parte mais urgente da política dos EUA em relação a África que precisava de ser tratada pelo novo presidente».

Também os meios académicos de vários países da Europa e da América do Norte subscreveram uma carta aberta ao novo Presidente no dia da tomada de posse «para expressar a nossa firme objecção à decisão do presidente Trump de reconhecer a anexação ilegal do Sahara Ocidental por Marrocos e para lhe pedir que reverta a declaração o mais rápido possível ao assumir o cargo. (. . .). Os Estados Unidos não têm direito a determinar o seu destino simplesmente declarando que fazem parte de outro país. (. . .). Por isso, o exortamos a reverter o reconhecimento pelos EUA da anexação de Marrocos, a insistir num mandato de direitos humanos para a MINURSO, a cancelar os planos de abrir um consulado dos EUA em Dakhla, Sahara Ocidental, e a apoiar a autodeterminação do Sahara Ocidental.»

Uma batalha que se apresenta difícil e de resultado incerto.